

**(RE) CRIAÇÕES DO ESTILO DOCENTE
E SEU PODER DE AGIR:
OS EFEITOS DA PRECARIZAÇÃO**

*RE-CREATION OF TEACHER STYLE AND
HIS/HER POWER TO ACT:
THE PRECARIOUSNESS EFFECTS*

Laura Cristina Vieira Pizzi

Isabela Rosália Lima de Araujo

Universidade Federal de Alagoas



RESUMO

Este artigo é um ensaio teórico cujo objetivo é analisar algumas categorias da Clínica da Atividade de Clot na ótica da atividade docente e seus condicionantes. O estilo, segundo Clot, é a apropriação e o desenvolvimento pessoal que o trabalhador faz do gênero de sua profissão, cujo caráter é mais social. A catacrese é a mudança de valor de um instrumento ou estratégia de trabalho de uma profissão, mas que não configura desvio da atividade e sim um meio criado pelo trabalhador na atividade para possibilitar a execução das tarefas. Entendemos que a precarização também é um fator que afeta a atividade docente, restringindo o estilo profissional do docente a ponto de bloquear seu poder de agir e a possibilidade de utilizar a catacrese. A execução do trabalho não depende apenas das aptidões dos trabalhadores, mas de muitos fatores externos para que as atividades sejam realizadas com qualidade, criatividade e autonomia.

Palavras-chave: Estilo. Catacrese. Precarização do trabalho docente.

ABSTRACT

This article is a theoretical essay whose purpose is to analyze some categories of the Clinic of Activity of Clot in the view of teaching activity and its determinants. The style, according to Clot, is the appropriation and the personal development the worker makes of the genre of his/her profession, whose character is more social. Catachresis is the change of value of an instrument or strategy work of a profession, which does not configure deviation of the activity but a way created by the worker in the activity to make possible the execution of the tasks. We understand that the precariousness is also a factor that affects teaching activity, restricting teacher professional style as to block his/her power of acting and the possibility of using catachresis. The execution of the work depends not only on the skills of workers, but on many external factors so the activities can be accomplished with quality, creativity and autonomy.

Key-words: Style. Catachresis. Precariousness of teaching work.

A Clínica da Atividade e a Atividade Docente

Muitas discussões envolvendo o trabalho docente têm se voltado para a formação inicial e continuada de seus profissionais. Essa temática, sem dúvida, não pode deixar de ser uma das prioridades das pesquisas educacionais, mas ressaltamos que os conhecimentos acadêmicos, foco prioritário dos cursos de formação, não representam a totalidade dos saberes e estratégias de atuação da profissão docente. Existem outros pontos que merecem igual destaque, como o poder do professor de agir sobre seu próprio trabalho e as condições de trabalho encontradas para o exercício de sua profissão. Nosso objetivo aqui é problematizar esses aspectos relacionados à atuação docente, uma vez que podem conferir um grau elevado de autonomia e de qualidade ao seu trabalho.

Destacamos como o poder de criar estratégias e solucionar problemas no seu trabalho, uma característica imprescindível da profissão docente, vem sendo minado pelas políticas educacionais neoliberais das últimas décadas, afetando a qualidade do ensino. Não podemos deixar de lado o fato de que o trabalho docente vem se constituindo no contexto do capitalismo, estando submetido à sua lógica e às suas contradições, que tendem a intensificar a atividade docente em condições de trabalho extremamente precárias, especialmente nas redes públicas.

Nossas análises sobre a atividade docente se valem de duas categorias da Clínica da Atividade, o estilo e a catacrese. São categorias ainda pouco utilizadas nos estudos sobre o trabalho docente, mas que podem ajudar a compreender o contexto da atuação e o papel da autonomia profissional, o poder de criação e o bem-estar das professoras e dos professores na escola. Tanto o estilo quanto a catacrese fazem parte da interioridade da atividade do sujeito trabalhador, que, por sua vez, age sobre essa atividade. O grau de autonomia tem um papel relevante em todas as profissões e tende a definir inclusive seu status social. Apple (1995) afirma que a autonomia pedagógica tende a declinar na medida em que aumenta o controle externo sobre a atividade do/a professor/a. Refletimos, ao longo

desse texto, como a docência é afetada quando se vê sem poder de agir.

Nossa base teórica se fundamenta principalmente nas categorias da Clínica da Atividade desenvolvida por Ives Clot e seus colaboradores, cujo arcabouço é a Psicologia Sociohistórica, corrente do materialismo histórico-dialético. Clot (2007, 2010) desenvolve suas investigações sobre vários problemas reais vividos no dia a dia pelos profissionais nos mais variados campos e contextos de trabalho. Uma de suas contribuições tem sido sobre a resignificação do poder de agir dos trabalhadores na atuação profissional.

Nosso intuito não é o de ditar como os docentes devem ser ou agir. Procuramos discutir determinados aspectos políticos aos quais a atuação docente vem sendo submetida, diante das demandas econômicas da sociedade atual e em que condições vem sendo construído o sistema educacional público no Brasil e suas implicações para a atuação docente e a qualidade do ensino.

A proletarização e a precarização do trabalho docente estão se generalizando nas redes públicas e esse processo não é novidade nos meios acadêmicos. Essa situação vem se naturalizando na profissão docente em todos os níveis educacionais. Percebemos em muitos discursos veiculados, inclusive entre os/as próprios/as docentes, que só tem real vocação para ser professor ou professora, aqueles/as profissionais que conseguem encarar as dificuldades impostas, especialmente pelo sistema educacional público. Oliveira (2004) mostra que a realidade precária da educação faz parte do cenário escolar brasileiro de forma generalizada.

Isso significa dizer que a precarização envolve tanto as redes federais, estaduais e municipais de ensino, bem como certas escolas da rede privada. Segundo Sampaio e Marin (2004), a situação precária do trabalho docente começa na própria legislação vigente no país e as reformas educacionais iniciadas nos anos 1990.

Nossa preocupação, inspirada nos trabalhos de Clot (2007), não é com o trabalho em si, mas com o trabalhador. Na perspectiva da Clínica da Atividade, o trabalho só faz sentido se considerarmos em primeiro lugar o trabalhador. A atividade do trabalho é uma categoria que

compreende outras categorias, sem elas o trabalho não existiria por si só e deixá-las de lado seria ignorar a complexidade dessa atividade.

Segundo Marx (1994), no processo de trabalho, a atividade do homem (agente) opera uma transformação no objeto sobre o qual atua por meio de instrumentos de trabalho para a produção de produtos, que, no nosso caso, é a educação, e essa transformação está subordinada a uma finalidade. Mendes Gonçalves (1992) alerta que esses componentes precisam ser examinados de forma articulada e não em separado, pois, somente na sua relação recíproca, podem configurar um processo de trabalho específico.

Para Clot (2010), nos trabalhadores estão presentes suas experiências, identidades, responsabilidades, sentimentos, desejos, frustrações, ações ou até mesmo a ausência das ações. Nas atividades estão presentes as dimensões afetivas e cognitivas dos sujeitos, que englobam suas ações (ou não) com vistas a atingir determinados objetivos. Ressaltamos que nos instrumentos estão as possibilidades e as condições de realização efetiva do trabalho ou não, dependendo da qualidade e adequação desses materiais.

Em se tratando do fenômeno educativo, além do sujeito professor, temos os sujeitos alunos e, como explicam Guedin e Franco (2008), os objetos da educação têm uma dimensão multidimensional, mutante e complexa de serem estudados e trabalhados. Trata-se de um objeto singular, único, sem possibilidade de ser repetido, que traz muitas descobertas, incertezas e inquietações.

Estilos da Ação e o Desenvolvimento Profissional Docente

Segundo Clot (2007), estilo é a forma pessoal com que o sujeito se apropria do gênero do seu trabalho, sua dimensão coletiva. Cada sujeito terá uma forma específica de realizar essa apropriação, dependendo do sentido que cada um dará ao gênero da sua profissão. Nosso interesse será particularmente o gênero profissional da área da educação, com foco na atividade docente em sala de aula, com o intuito de entendermos como esse sujeito é conceituado, para podermos refletir sobre suas recriações de estilos.

E o que seria gênero para Clot? O autor defende que a atividade do trabalho sempre é mediada pelo gênero, que é o que carrega os procedimentos e posturas desenvolvidos ao longo da história de cada profissão determinada, podendo ser chamado de “alma social” da atividade. O gênero é o organizador do trabalho. Assim sendo, o gênero é a dimensão social do trabalho e constitui-se na e pela atividade, serve como orientador para o coletivo de trabalhadores em uma determinada categoria profissional, através da definição de normas explícitas e implícitas, códigos éticos, linguagens e procedimentos técnicos que devem ser seguidos por todos engajados numa profissão. Para o autor, gênero é:

Um corpo intermediário entre os sujeitos, um interposto social situado entre eles, por um lado e entre eles e o objeto do trabalho. [...] um gênero sempre vincula entre si os que participam de uma situação, como co-autores que reconhecem, compreendem e avaliam essa situação da mesma maneira. A atividade que se realiza num gênero dado tem uma parte explícita e outra sub-entendida [...] a parte sub-entendida da atividade é aquilo que os trabalhadores de um meio dado conhecem e vêem, esperam e reconhecem, apreciam ou temem, é o que lhes é comum e o que lhes reúne em condições reais de vida; é o que eles sabem o que devem fazer graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa cada vez que ela se apresenta (CLOT, 2006, p. 41-42).

Segundo Davis e Aguiar (2010), o gênero media os sujeitos entre si e esses com seus objetos de trabalho, constituindo a atividade real e o real da atividade. O gênero pode ser uma regra escrita ou tácita, de que todos os membros têm conhecimento e que, de uma forma geral, sabem que precisam seguir. O gênero cria um clima no exercício da profissão, compartilhado apenas por aqueles que se encontram inseridos efetivamente nela.

Seria o gênero, para Clot, imutável? Não. De acordo com Clot (2007), o gênero é quem diz o que é aceitável ou não no trabalho, porém ele acrescenta que o estilo liberta o profissional do gênero, que vai se reformulando pelas recriações pessoais aceitas e compartilhadas no coletivo. O gênero tem a função de organizar, estruturar e

não de congelar as atividades profissionais. As profissões vão se modernizando e se modelando de acordo com os acontecimentos e os profissionais são agentes desses acontecimentos.

De acordo com Clot (2007), o gênero também permite que o sujeito lute para quebrar as barreiras e limitações impostas. Essa superação, ele chama de estilo. Para Davis e Aguiar (2010), além de o gênero ser o recurso para enfrentar as exigências da ação, é também alvo de ajustes pelos profissionais. O estilo possibilita que o profissional se liberte do engessamento do gênero. A sociedade e os sujeitos mudam, as necessidades se transformam no decorrer do tempo e o gênero precisa acompanhar as mudanças para que a atividade venha a ser eficaz. O gênero, para existir, precisa dos estilos, assim como os estilos e as próprias profissões precisam das orientações que o gênero oferece.

Dessa forma, trazendo para o contexto escolar, o estilo seria a maneira como um/a professor/a se apropria da cultura do magistério e da cultura escolar para realizar suas atividades cotidianas na sala de aula. Através do desenvolvimento de um estilo, o/a professor/a pode redefinir suas tarefas, ou seja, suas atividades prescritas, reelaborar os planejamentos, reorganizar o que está posto considerando suas percepções pessoais. Tomar para si as lições que lhe cabem saber não significa ter que repetir ou seguir as atividades sem adaptá-las às novas circunstâncias. Vejamos o que dizem os pesquisadores a respeito do estilo:

É uma espécie de libertação diante de certas imposições genéricas. No entanto vemos o estilo como uma dupla libertação. Por um lado, a libertação da memória impessoal. Nesse aspecto o indivíduo tenta se distanciar da imposição, procurando conservar as vantagens do recurso e se necessário até retoca a regra, o gesto ou a palavra, inaugurando uma variante do gênero cujo futuro dependerá do coletivo. Fazendo isso fica assegurado o desenvolvimento e, portanto, a vida do gênero, pois este recebe novas atribuições por re-criação pessoal, avaliadas e depois eventualmente validadas pelo coletivo. Por outro lado, a libertação da história pessoal. Nesse caso, são os esquemas pessoais que mobilizados na ação, são ajustados pelo impulso dos sentidos da atividade e das eficiências das operações. Também nesse caso, é através do desenvolvimento de sua

própria experiência do gênero que o sujeito pode distanciar-se de si mesmo. O estilo é, portanto um “misto” que descreve o esforço de emancipação do sujeito, diante da memória impessoal e diante da sua memória singular, o esforço buscando sempre a eficácia do trabalho. (CLOT, FAITA, FERNANDEZ E SCHELLER, 2001, P.3).

Como explicam os autores, o estilo é uma forma de o trabalhador buscar a emancipação profissional no agir do seu trabalho. Clot defende que entre a atividade prescrita e a atividade realizada, que é aquela atividade que foi de fato executada, existe o estilo. O estilo é algo individual de fazer a atividade, mas também é social e histórico ao mesmo tempo, podendo vir a torna-se parte do gênero. Clot (2010) define o papel do estilo da seguinte forma:

O estilo participa do gênero ao qual ele fornece o seu modo de ser. Os estilos são o retrabalho dos gêneros em situação, enquanto os gêneros, de fato, são o contrário de estados fixos. Melhor ainda, eles estão sempre inacabados. Apesar de ser reiterável em cada situação de trabalho, o gênero só adquire sua forma acabada mediante os traços particulares, contingentes, únicos e não reiteráveis que definem cada situação vivida. No decorrer da atividade que se inicia, o pleno desenvolvimento do gênero se divide em dois momentos: a atividade do sujeito que se engaja no pressuposto da atividade de outro, o qual se engaja, então, usando o gênero adaptado à situação. O estilo individual é, antes de mais nada, a transformação dos gêneros na história real das atividades no momento de agir em função das circunstâncias. Mas, desse modo, aqueles que agem devem ser capazes de servir-se do gênero ou, mais rigorosamente, manipular com destreza as diferentes variantes que animam a vida do gênero. É esse processo de metamorfose dos gêneros, promovidos à categoria de objeto da atividade e recebendo novas atribuições e funções para agir que conserva a vitalidade e a plasticidade do gênero. Os gêneros continuam vivos, graças às recriações estilistas. Mas, inversamente, o não domínio do gênero e de suas variantes impede a elaboração do estilo. Servir-se com certa liberdade dos gêneros implica sua refinada apropriação (CLOT, 2010, p. 126).

Conforme Davis e Aguiar (2010), o estilo é avaliado, podendo ser validado pelo coletivo e estar relacionado diretamente com o sentido da atividade para o sujeito e a sua subjetividade.

Para Vygotsky (2001), a construção do sentido depende da vivência de cada sujeito, da construção/reconstrução que ele faz do real, da forma com que ele se apropria do mundo e como pode despertar isso na consciência. O sentido é socialmente construído, porém é constituído pelos indivíduos em particular.

Para Clot (2007), o estilo amplia as possibilidades de transformação pessoal e profissional dos sujeitos. O estilo traz a inovação. Para isso, é necessário que os profissionais ultrapassem o limite colocado pelo gênero. Davis e Aguiar (2010) alertam que a possibilidade do indivíduo transformar o gênero depende dos recursos disponíveis para a realização da atividade. Podemos assumir como uma decorrência importante dessa afirmação o fato de os docentes trabalharem majoritariamente em escolas onde existem poucos recursos ou mesmo nenhum. Como o professor pode se engajar no gênero de seu trabalho, sem que isso signifique meramente ter que se ajustar à precarização? Seu estilo certamente será afetado.

Entendemos que a redefinição da tarefa prescrita é de extrema importância na atividade docente, pois em uma sala de aula existem alunos de diferentes perfis e culturas e a impossibilidade de ajustar essas prescrições a essas realidades diversas, por parte dos/as professores/as, pode vir a prejudicar os processos de ensino e aprendizagem. Essa redefinição da atividade prescrita não poderia significar a adaptação das tarefas às condições precárias encontradas para a realização do trabalho.

Para Wisner (1997), o trabalhador é um sujeito social, em situação de trabalho real, que sofre com sua condição social. Nessa tese, o sujeito não é reduzido a um pacote de aptidões, pois as aptidões dependem das condições e das situações de trabalho que ele encontra. Clot (2005, 2010) complementa que o homem é social, histórico e individual ao mesmo tempo. Defende que a cognição e a emoção são dimensões importantes em todas as atividades, não sendo aspectos independentes, assim como não possuem uma relação estável entre si e ambas estão presentes no sentido que o sujeito confere ao seu trabalho.

De um lado, emoção e cognição estão envolvidas em um círculo psicológico virtuoso, cultivando-se mutuamente; do outro, elas são puxadas para baixo, conjuntamente, por um círculo vicioso. No decorrer da atividade, as relações entre cognição e emoção variam, assim, em função da posição que elas ocupam nessa última. Suas relações interfuncionais dependem delas. Ou, de preferência, o conflito, opondo a atividade desses operadores a si mesma, segundo os diferentes destinatários, é que modifica seu sentido para eles. Portanto, a transformação do sentido da atividade é que leva a mudança das relações entre emoção e cognições (CLOT, 2010, p. 5).

Conforme Clot (2010), o intelecto e o sentimento fazem parte da plasticidade funcional do sujeito. Dependendo dos obstáculos que o sujeito tem de enfrentar e de cada história singular, haverá maior ou menor resistência à amputação do poder de agir e isso refletirá no sentimento de impotência e em sua saúde.

Dessa forma, ao engajar-se em sua atividade, o docente pode vir a ter suas ações inibidas, impedindo o desenvolvimento do seu estilo profissional. Esse fato pode acabar prejudicando o desenvolvimento dessas atividades e próprio profissional, ao restringir sua capacidade e possibilidade de agir.

Catacreses: Atividade Inventiva e Criativa

Tanto o estilo quanto a catacrese são categorias que revelam as particularidades do trabalhador diante da atividade. De acordo com Clot (2010), a catacrese é uma tentativa do/a trabalhador/a de anular os obstáculos que aparecem ante a atividade, desviando as funções de certas ferramentas ou instrumentos de trabalho, com a intenção de não fugir do foco central da tarefa e, assim, poder realizá-la de forma mais eficaz. “A função dos instrumentos é afetada por uma atividade de reconcepção ou recriação das técnicas, cujo uso é deslocado ou subvertido” (CLOT, 2010, p. 106).

Categoria desenvolvida também por Clot (2007, 2010), a catacrese seria a mudança de funcionalidade de um objeto. Seria o uso não previsto de um instrumento de trabalho, sendo uma mudança de valor do instrumento ou o desenvolvi-

mento de uma atividade que aparentemente não teria relação nenhuma com o trabalho propriamente dito, desempenhando, no entanto, uma função importante para que a atividade real aconteça de forma apropriada. Clot alerta que não deve ser interpretado como um simples desvio, porque, por ser elaborado pelo próprio trabalhador em situação de trabalho, tem alguma finalidade com relação às suas ocupações, apartando-o daquilo que ele denomina de pré-ocupações pessoais do sujeito, que seriam, entre outras coisas, problemas presentes na vida pessoal.

Tanto para definir a catacrese quanto as pré-ocupações, Clot (1999) recorre aos escritos de Vygotsky, demonstrando como se efetiva a mudança de um instrumento técnico em um instrumento psicológico, que acabará sendo um instrumento de gestão do trabalhador sobre si mesmo.

Como alerta Clot, a catacrese, para quem esteja analisando a atividade superficialmente, pode parecer como um descuido do/a trabalhador/a. Mas, na verdade, é uma atividade de busca, na qual o/a trabalhador/a em uma determinada situação ou problema tenta achar a solução usando sua criatividade. O/a trabalhador/a encontra na sua rotina elementos que possam vir a desgastar a realização do trabalho com qualidade ou que o dificulte. Esse/a trabalhador/a, tendo poder de agir, buscará formas de eliminar ou resolver os problemas que apareçam. A catacrese seria, portanto, a realização da autonomia e da confiança do/a trabalhador/a no exercício do seu trabalho. É uma demonstração de que o/a trabalhador/a estará exercendo, de alguma forma, seu poder de agir.

Na atividade docente, pela sua complexidade, podemos inferir que muitos acontecimentos, não só aqueles que envolvem instrumentos ou tecnologias de trabalho, podem ser conceituados como catacrese. Assim, “(...) não são apenas os objetos materiais que se oferecem às catacreses: as retóricas da ação, ao tirarem o sujeito dos dilemas do seu curso de atividade, ‘caçam furtivamente’ também no próprio sujeito” (CLOT, 2010, p. 107). Muitas vezes, pode parecer um desvio da atividade, mas que, na verdade, são acontecimentos necessários, improvisos criados pelo/a próprio/a professor/a para dar continuidade a sua atividade e, na maioria das vezes, podem estar ligados à precarização do seu trabalho.

Parece que na docência a catacrese vem se constituindo uma presença constante, devido aos problemas encontrados no desenvolvimento do trabalho. Mas, se assim for, a catacrese não poderia mais ser parte de uma atividade criativa do profissional diante de uma dificuldade e sim uma necessidade diária para a execução das atividades, a ponto de afetá-la profundamente, descaracterizando-a. Dessa forma, não estaria mais vinculada ao estilo e à garantia da recriação, nem muito menos à autonomia, por não haver condições de trabalho favoráveis.

Precarização do Trabalho Docente como Norma

Segundo Assunção e Oliveira (2009), as políticas educacionais das últimas décadas vêm provocando mudanças profundas no contexto educacional brasileiro com o objetivo de promover a equidade social, imprimindo uma responsabilidade maior sobre o/a professor/a. As escolas públicas devem se adequar às mudanças, aumentando suas matrículas, dobrando turnos, transformando seus currículos e aumentando sua autonomia nas formas de gestão, administrativa, pedagógica e financeira.

Ao mesmo tempo, há por parte do governo a necessidade de contenção dos gastos públicos, que afetam diretamente a infraestrutura das escolas e os salários docentes. De um lado, temos um processo de complexificação, burocratização e intensificação das atribuições docentes como forma de atender às exigências estatais e sociais. De outro, observamos um cenário de atuação profissional pouco promissor, uma vez que vem criando no contexto escolar condições precárias de atuação que comprometem a qualidade do ensino, sendo fonte de profunda insatisfação, tanto por parte dos docentes quanto da comunidade atendida. Muitos ainda trabalham em outras escolas para aumentar a renda e ter uma vida melhor. De acordo com as autoras, todas essas demandas recaem sobre o docente.

Quanto mais pobre e carente o contexto no qual a escola está inserida, mais demandas chegam até elas e, conseqüentemente, aos docentes. Diante da ampliação das demandas

trazidas pelas políticas mais recentes, o professor é chamado a desenvolver novas competências necessárias para o pleno exercício de suas atividades docentes. O sistema espera preparo, formação e estímulo do sujeito docente para exercer o pleno domínio da sala de aula e para responder às exigências que chegam à escola no grau de diversidade que apresentam e na urgência que reclamam (AS-SUNÇÃO e OLIVEIRA, 2009, p. 355).

Somado a isso, há o papel cada vez mais centralizador, fiscalizador do Estado. Diante de tantas pressões, os/as docentes se encontram sem proteção e sem apoio para realizar suas atividades. A escola se reduziu à sua própria sala de aula, local onde sozinhos/as, devem atender a todas as demandas sociais e educacionais colocadas sobre o sistema educacional público. Há ainda casos de violência crescente nas periferias brasileiras, onde as escolas públicas estão situadas e que muitas vezes se refletem em atos de violência, indisciplina e vandalismo dentro das próprias escolas, criando um quadro de extrema fragilidade para a comunidade escolar.

Sabemos que o/a docente que trabalha com condições adversas para a realização da atividade não tem como realizar com qualidade essa atividade, nem como desenvolver seu próprio estilo profissional. Assim, a precarização pode vir a esconder do/a professor/a o seu poder de agir, propondo soluções diferentes e talvez mais eficazes. O estilo, sendo uma inovação, uma criação pessoal, depende do estado emocional e do grau de satisfação em que o sujeito se encontra, para poder ousar e criar frente às novas experiências.

De acordo com Hypolito, Vieira e Pizzi (2009), os/as docentes estão submetidos/as a um processo de intensificação do seu trabalho, que faz parte do processo de precarização. Mas, além da intensificação imposta externamente, os/as docentes se sentem impelidos/as a se engajarem quase que voluntariamente em atividades que não seriam parte da sua atividade, produzindo um processo de autointensificação, que afeta a identidade docente e prejudica a autonomia das professoras e professoras, agravando o quadro. Na maioria das vezes, o que ocorre é a culpabilização das deficiências da educação sobre os/as docentes, afetando de forma contundente a qualidade de seu trabalho.

Como mostra Oliveira (2004), essa realidade de precarização é nacional. As poucas condições de estrutura física das escolas, a falta de recursos didáticos, os baixos salários dos/as professores/as, a intensificação e a falta de respeito pelo trabalho docente são vistos no dia a dia da maioria das escolas brasileiras em todas as regiões. Essa é a verdadeira situação da educação brasileira hoje.

Para Clot (2007), o trabalho deve se adequar aos/as trabalhadores/as e não esses/as se subordinarem ao trabalho. A saúde e o grau de satisfação do/a trabalhador/a têm extrema importância para os estudos na clínica da atividade. Para ele, a eficiência no trabalho depende da satisfação de quem o realiza.

Clot (2010) nos traz uma maneira mais ampla de analisar a atividade, uma vez que considera além das atividades executadas, as atividades planejadas e as possibilidades de realização de parte da atividade, na qual as intenções e os desejos do sujeito, assim como os impedimentos para a realização da atividade, também fazem parte.

A atividade é aquilo também que não se pode fazer, aquilo que não se faz, que gostaríamos de ter feito, é aquilo que guardamos no estômago, é a atividade (re) engolida, impossível, as atividades suspensas, as atividades impedidas. Não foi realizado, mas faz parte da atividade. É por isso que podemos dizer que a atividade realizada não tem o monopólio do real da atividade, o real da atividade é muito mais vasto que a atividade realizada. [...] a atividade realizada é a atividade que venceu entre muitas outras atividades possíveis, a atividade que venceu é uma das possibilidades (CLOT, 2010a, p.226).

Clot (2010b) procura mostrar ainda que as limitações impostas sobre o poder de agir de um/a trabalhador/a são possíveis causadores de estresse e doenças. As precárias condições físicas e didáticas das escolas são limitações claras para o trabalho docente e fazem parte da totalidade desse trabalho.

Segundo Santos (2006), o cansaço nem sempre vem do esgotamento do trabalho em si, pode ser provocado pelos impedimentos presentes no trabalho, em vez de ser pela realização de atividades, pode ser pela ausência da realização dessas. Os impedimentos afetam diretamente o desempenho profissional, pois inviabilizam

as possibilidades de fazer o que se gostaria. A precarização, por exemplo, é um impedimento obvio e bastante concreto.

Considerando esse quadro educacional nacional, com notórias e extremas dificuldades impostas ao/à docente para realizar o seu trabalho com qualidade, seria relevante compreender, em que medida os professores tem se valido da catacrese, ou não, no seu trabalho, já que ela envolve a possibilidade de solucionar efetivamente os problemas. Muitos dos quais nem sempre são de fácil solução e poderiam depender das intenções e ações individuais desses indivíduos. Essa impossibilidade de lançar mão da catacrese para solucionar problemas cotidianos tende a afetar profundamente o desempenho e a saúde docente. Os problemas retornam e sua impotência em solucioná-los pode gerar frustração crônica. Vejamos como Clot discute essa questão:

Na esteira de Foucault, poderíamos escrever que, ali, onde uma pessoa que se sente com saúde faz a experiência da contradição, o paciente faz uma experiência contraditória; 'a experiência de um se abre para a contradição, enquanto a do outro se confina nela' (1995, p. 48). Deve-se, portanto, proceder cuidadosamente à distinção entre saúde e defesas. A primeira pode, inclusive, acabar por ser arruinada pelas segundas. O que define a saúde é, de determinado ponto de vista, a possibilidade de viver sem defesas, ao superá-las no momento em que elas se tornam normas de vida restritivas. Viver, 'além de vegetar e conservar-se, é enfrentar riscos e vencê-los' (1985, p. 167). Ser normal, não é ser adaptado, mas ser mais que normal, criativo. A resposta – ou, ainda, a réplica criativa – faz crescer o sujeito que a defesa apenas protege. Eis o motivo pelo qual, na saúde, há mais que um ideal ou uma ficção, para retomar o vocabulário de Dejours (1995, p.7). Existe um poder de agir que a doença corrói e que o sujeito defende, sem se confundir com as defesas; há um poder de indeterminação, uma atividade de resistência que a doença põe à prova e contraria (2010, p. 111).

Um/a trabalhador/a com saúde e satisfeito com o seu desempenho é aquele/a que ainda consegue responder aos desafios que a profissão lhe impõe, tirando resultados positivos desse processo. As frustrações docentes potencializam as possibilidades de adoecimento, gerados pelo e no próprio trabalho. A amputação do poder

de agir do/a trabalhador/a (CLOT, 2010) ocorre quando ele/ela é retraído. O desgaste e o estresse podem ser produzidos tanto por aquilo que os/as trabalhadores/as fazem quanto pelo que não fazem ou não podem fazer. O sujeito retraído e com sua segurança minada, também não terá confiança nem autonomia para recorrer à catacrese e não poderá desenvolver um estilo criativo próprio na sua atividade.

Considerações Finais

Gênero e estilo são dimensões constitutivas da atividade docente. A relação que estabelecem entre si trazem muitas revelações para a compreensão da atividade prescrita, realizada e do real da atividade envolvendo o trabalho docente, assim como a catacrese nos faz enxergar a importância da confiança e autonomia do docente e suas possibilidades de dar conta das suas atividades em condições de trabalho favoráveis ou não.

A partir da relação complexa entre essas três categorias, percebemos que o gênero profissional está sempre em processo de criação e recriação, de acordo com as especificidades necessárias de cada contexto. Os estilos são construídos a partir dos gêneros e os gêneros são formados pelos estilos pessoais que cada docente imprime à sua atividade cotidiana.

Nossas análises teóricas, ainda que iniciais, permitem afirmar que a precarização do trabalho docente tem o poder de restringir o desenvolvimento criativo de um estilo e isso é um fato preocupante, se considerarmos a necessidade de valorização urgente dessa categoria profissional como um todo. Essa restrição implica a impossibilidade da busca de atividades inovadoras e criativas e já ficou claro como a catacrese e o estilo no trabalho docente podem ser afetados pela precarização das condições de trabalho. Conforme Clot, ação, pensamento e afeto não se separam. Assim, a insatisfação gerada no trabalho pode gerar a inibição da ação, causando dificuldades didáticas e até problemas de saúde ao professor.

Assunção e Oliveira (2009) destacam estudos mostrando que o controle do indivíduo sobre o próprio trabalho é um fator que reduz o nível de estresse e o risco de doenças cardiovasculares

e doenças crônicas e que o aumento das demandas sobre o trabalho está associado à insatisfação no trabalho e desordem psiquiátrica. E “que altos níveis de recursos sociais e individuais estão associados a nível mais baixo de insatisfação e de desordens psiquiátricas” (p. 362).

A profissão docente é a todo tempo controlada e vigiada externamente pelos governantes e pela sociedade de uma forma que solapa seu grau de confiança e de autonomia, ambas necessárias para o exercício qualitativo da profissão. Seria relevante, nesse sentido, analisarmos até que ponto o docente consegue exercer sua autonomia e as possibilidades para desenvolver seu estilo e como a catacrese auxilia nesse sentido.

Os/as professores/as do ensino fundamental, por mais que tenham como orientação o gênero, utilizam o estilo como forma de superar aspectos com os quais não concordam, ou que acreditam ser desnecessários ou ainda simplesmente por não encontrarem mais sentido em seguir. São, antes, bloqueados/as em vários momentos por prescrições totalizantes, elaboradas pelo governo de for-

ma centralizada, e, finalmente, reguladas pelos documentos institucionais quando chegam às escolas. Todas essas prescrições agravam o quadro de precarização do seu trabalho, afetando até mesmo o conselho escolar, que precisa se adaptar às deficiências que lhes são colocadas.

Com o processo de precarização do trabalho, os/as docentes tendem a se revoltar contra os governos. Com salários que não correspondem à relevância social de sua profissão, e como resultado, acabam se sentindo inferiores. Esses profissionais são retraídos e, conforme Clot (2010), o seu poder de agir é amputado.

É garantindo o desenvolvimento de um estilo e da catacrese que os docentes podem fugir das imposições e criar estratégias para melhorar a atividade docente. O Estado regulador neoliberal tende a se eximir de suas responsabilidades, responsabilizando o/a docente pelas mazelas do sistema educacional público. Esse processo está na contramão da escola pública de qualidade, tão almejada pelas reformas educacionais neoliberais.

Referências

- APPLE, M. W. (1995). Repensando Ideologia e Currículo. In: Moreira, A. F. B. & Silva, T. T. da (Org.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez.
- ASSUNÇÃO, A. A. e OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol 30, n. 107, p. 349-372, maio/ago. 2009.
- CLOT, Y. (org.) *Avec Vygotsky*. Paris: La dispute, 1999.
- CLOT, Yves. Entretien en autoconfrontation croisée: une méthode en clinique de l'activité. In: *Education Permanente*, n146/2001. Paris: Group Caisse des Dépôts et Consignations. 2001.
- CLOT, Y. FAITA, D. FERNANDEZ, G. SCHELLER, L. Entrevistas em Autoconfrontações Cruzadas: um método da Clínica da Atividade. 2001.
- CLOT, Y. *A Função psicológica do trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. ISBN 978-85-326-3333-0.
- CLOT, Y. A psicologia do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. *Fractal: Revista da Psicologia*, v. 22 – n. 1, p. 207 – 234, Jan/Abril 2010a.
- CLOT, Y. *Trabalho e poder de agir*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010b. ISBN: 978-85-63299-08-6.
- DAVIS, C.; AGUIAR, W. M. J. Formar para transformar: uma proposta metodológica voltada para professores. In: CAVALCANTE, M. A. da S.; FREITAS, M. L. de Q.; LOPES, A. de A. *Trabalho docente, linguagens e tecnologias educacionais: múltiplos olhares*. Maceió: Edufal, 2010. p. 25-64. ISBN: 978-85-7177-575-6.
- GHEDIN, E. FRANCO, M. A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008. ISBN 978-85-249-1395-2.
- HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S.; PIZZI, L. C. V. Reestruturação curricular e auto-intensificação do trabalho docente. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.2, pp.100-112, Jul/Dez 2009. ISSN 1645-1384 (online). Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org.
- MARX, K. *O Capital*. 14.ed. São Paulo: Difel, 1994. v.1.
- MENDES GONÇALVES, R. B. *Práticas de Saúde: processos de trabalho e necessidades*. São Paulo: Centro de Formação dos Trabalhadores em Saúde da Se-

cretaria Municipal da Saúde, 1992. (Cadernos Cefor, 1 – Série textos)

OLIVEIRA, D. A. *A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004.

SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, set./dez. 2004.

SANTOS, Marta. Análise psicológica do trabalho: dos conceitos aos métodos. *Laboreal*, vol. 2, n. 1, Porto, Portugal, 2006. p. 34-41.

VIGOTSKI, Lev S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Martins, 2001.

Sobre as autoras

Profª Drª Laura Cristina Vieira Pizzi, Professora do PPGE-UFAL, coordena o grupo de pesquisa “Currículo, atividade docente e subjetividades” do CNPq. E-mail: lcvpizzi@hotmail.com

Isabela Rosália Lima de Araujo - Doutoranda do PPGE-UFAL e membro do grupo de pesquisa “Currículo, atividade docente e subjetividades” do CNPq. E-mail: isabelarosalia@hotmail.com

Recebido em: 14/11/2011

Aceito para publicação em: 20/12/2011